

AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA EM UMA TURMA DE PRIMEIRO ANO: APRENDIZAGENS E DESAFIOS

GABRIELE MATTOS LESSA¹; PATRÍCIA CAVA²;

¹*Universidade Federal de Pelotas – gabriele.lessa@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas - pcava@via-rs.net*

1. INTRODUÇÃO

O trabalho tem por objetivo apresentar reflexões acerca de uma prática de estágio em docência compartilhada realizada em uma turma de alfabetização de uma escola da rede pública municipal de Pelotas. Trata-se de analisar os instrumentos de avaliação diagnóstica aplicados numa turma de primeiro ano, na segunda semana de aula (março) e retomados no final do trimestre (maio) para verificar os possíveis avanços dos alunos no decorrer deste período. Apresento também algumas das atividades realizadas ao longo do trimestre letivo e que foram pensadas a partir da análise da avaliação diagnóstica, para que os alunos pudessem avançar em suas aprendizagens, pois este é o papel do instrumento de diagnóstico, verificar os níveis e aptidões dos alunos, e ao professor cabe, a partir dos resultados, guiar o seu trabalho pedagógico propiciando atividades que favoreçam as aprendizagens e respeitem os diferentes níveis dos alunos.

A avaliação diagnóstica que terá destaque neste trabalho tem enfoque na aquisição do sistema de escrita alfabética e como se dá este processo em crianças que estão, em muitos casos, ingressando na escola.

Foi realizada uma avaliação diagnóstica baseada nos princípios de indagação propostos por FERREIRO e TEBEROSKY (1999) na obra Psicogênese da Língua Escrita, que consistiu em um ditado de quatro palavras (monossílaba, dissílaba, trissílaba e polissílaba) de um mesmo campo semântico e uma frase, com a intenção de verificarmos quais conhecimentos os alunos já possuíam com relação ao sistema de escrita alfabética e, a partir de então, organizarmos o nosso trabalho e quais metodologias seriam utilizadas com eles durante o trimestre letivo. A mesma avaliação foi refeita no final do estágio, utilizando as mesmas palavras e frase, para facilitar a observação e identificar com maior clareza os possíveis avanços dos alunos.

A partir da realização da avaliação diagnóstica, organizamos as nossas aulas pensando em atividades que auxiliassem os alunos a avançarem em suas aprendizagens.

2. METODOLOGIA

Para verificarmos qual o nível de compreensão do sistema de escrita alfabética dos nossos alunos, optamos por realizar, logo na segunda semana de aula, uma sondagem dos níveis de escrita inspirada nas ideias de FERREIRO e TEBEROSKY (1999).

As tarefas propostas por FERREIRO e TEBEROSKY (1999) consistem, entre outras, em um ditado de quatro palavras pertencentes a um mesmo campo semântico, e de preferência, com palavras que variam quanto ao número de sílabas e com diferentes estruturas silábicas e uma frase que contenha uma das palavras

citadas. Nós escolhemos o campo semântico *escola* e ditamos as seguintes palavras: *giz, mesa, caneta, apontador*. E a frase: *A caneta é azul*. A escolha do campo semântico se deu por ser uma categoria que faz parte do cotidiano dos alunos. E a escolha das palavras se deu pela quantidade de sílabas presentes em cada uma e, especialmente na palavra “apontador”, por estarmos trabalhando com a vogal A no momento de aplicação do teste, consideramos válido ditar uma palavra que iniciasse com esta vogal para verificar se os alunos já conseguiram fazer alguma relação letra-som.

Em março o teste foi realizado com dezoito alunos que era o número de alunos que frequentava a turma neste período. Apenas um aluno não conseguiu realizar o teste, pois estava muito nervoso.

Como o objetivo principal da avaliação diagnóstica é guiar o trabalho do professor, para que ele o organize visando às necessidades dos alunos, após a realização do teste de escrita, passamos a realizar atividades que auxiliassem os alunos a avançarem em suas aprendizagens.

Ao constatar que todos os alunos se encontravam em um nível pré-silábico de escrita, em sua maioria já utilizando letras, mas sem fazer relação alguma entre escrita e som, iniciou-se o processo de pensar nas estratégias didáticas a serem utilizadas a partir de então.

Nesta etapa é importante trabalhar com atividades que explorem a estabilidade de palavras, especialmente o nome próprio, identificação de letras e palavras em textos conhecidos, contagem de letras das palavras, escrita espontânea de palavras, enfim, atividades que façam com que o aluno perceba que a escrita está diretamente relacionada com a pauta sonora, ou seja, a escrita nota/grafa os sons da fala.

Trabalhamos ao longo destes três meses muitas atividades voltadas ao ensino do nome próprio dos alunos, apesar de grande parte dos nossos alunos já saber escrever o próprio nome quando realizamos o primeiro teste, sendo que apenas três alunos ainda apresentavam dificuldades.

A atividade de escrita espontânea é importante para observarmos como a criança está pensando sobre o processo de escrita e o aspecto mais importante, é que permite que a criança reflita sobre esse processo e utilize hipóteses e critérios próprios para escrever as palavras. Essa atividade não deve ter o propósito de correção e de que se escreva de forma convencional, o que seria pouco provável em uma turma de 1º ano logo no início do ano letivo. Como mostra COUTINHO (2005) nos métodos tradicionais de ensino, a escrita espontânea não tinha vez, pois as crianças deviam escrever para acertar e não para refletir sobre o processo, além de toda atividade ter de ser constantemente corrigida.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao final do estágio, no mês de maio, retomamos a mesma avaliação diagnóstica, agora com intenção de observar os avanços alcançados pelos alunos a partir de todas as estratégias de ensino utilizadas.

Desta vez a avaliação foi realizada com 14 alunos apenas, pois fizemos na última semana de aula que estava chuvosa e alguns dos alunos não foram nem um dia à aula.

Um primeiro aspecto a ser analisado diz respeito à escrita do nome próprio. Como visto anteriormente, três alunos apresentavam dificuldades na escrita do nome, ao final do estágio, todos já conseguiam escrever, ler e reconhecer o próprio

nome e também, na maioria dos casos, os nomes dos colegas, o que pôde ser percebido durante as atividades propostas na sala de aula.

Outro aspecto diz respeito às convenções do sistema de escrita alfabética. No primeiro teste realizado, uma aluna não utilizou a forma convencional de escrita, da esquerda para a direita, e escreveu a palavra utilizando uma letra embaixo da outra.

No segundo teste, todos os alunos já utilizavam a forma convencional de escrita, da esquerda para a direita, de cima para baixo na folha, ainda que alguns (2) escrevessem todas as palavras juntas, sem separação de espaços ou linhas.

Também foi possível observar nos resultados deste segundo teste, que alguns alunos já fizeram relação de grafema-fonema em algumas palavras.

Uma aluna, na escrita da palavra GIZ, utilizou a letra X para representar a palavra, mas no momento da leitura acrescentou mais letras. E na palavra MESA, utilizou a letra M para representar a sílaba ME e a letra A para representar a sílaba SA, mas acrescentou mais letras, mostrando levar em conta a hipótese mínima de caracteres, quando a criança acredita que não é possível ler palavras que possuam menos de três caracteres. Na pesquisa feita por FERREIRO (1990, p. 45), a autora constatou que a maioria das crianças utiliza este critério na escrita de palavras, *“para a maioria dessas crianças, um exemplo de escrita com três caracteres identificáveis já pode ser lido; no entanto, com menos, torna-se ‘ilegível’ (nos termos da ordem dada de ‘não serve para ler’). ”*

Também foi possível perceber que a aluna estava em transição para o nível silábico qualitativo o que ficou bem evidente na escrita da palavra CANETA na frase, em que utilizou as letras K N T com valor sonoro convencional.

4. CONCLUSÕES

Não restam dúvidas da importância do estágio para a formação docente, pois vivenciamos na prática todas as aprendizagens adquiridas no decorrer do curso e temos a responsabilidade de conduzir uma turma, no nosso caso, uma turma ingressante no ensino fundamental, onde tudo é novidade para essas crianças.

Através da elaboração deste trabalho consegui compreender melhor sobre a função da avaliação diagnóstica e a sua importância em qualquer nível de ensino, modificando alguns conceitos que tinha anteriormente sobre a aplicação desses instrumentos em turmas de 1º ano. A nossa prática de avaliação diagnóstica foi válida e através das atividades realizadas ao longo do estágio, conseguimos alcançar objetivos importantes.

Tínhamos o intuito de verificar, a partir das avaliações diagnósticas realizadas na segunda semana de aula, quais os conhecimentos que os alunos já tinham se apropriado sobre o sistema de escrita alfabética e em qual nível de escrita se encontravam. Além de orientar o nosso trabalho para que pudéssemos pensar atividades que fossem ao encontro das necessidades dos estudantes.

No decorrer do estágio, ao observarmos e percebermos dificuldades e avanços dos alunos no que envolvia a escrita consideramos importante fazer a retomada desta avaliação ao final do trimestre.

No curso de Pedagogia estudamos sobre os métodos e as práticas de alfabetização, e a psicogênese da língua escrita pesquisada por FERREIRO e TEBEROSKY (1999), que muito nos auxiliou no momento de aplicação e análise dos resultados, mas foi quando escolhi escrever sobre essa temática no meu artigo final, que fui à busca de novos autores e teorias para qualificar os meus estudos e ampliar os conhecimentos sobre o assunto.

Considero que esta prática foi fundamental para orientar o nosso trabalho pedagógico, pensando no nosso aluno e nas suas necessidades e ao final conseguimos ter clareza das aprendizagens obtidas e o que deverá ser reforçado daqui em diante para que todos possam alcançar as aprendizagens necessárias nesta etapa de escolarização.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. Tradução Diana Myriam Lichtenstein, Liana di Marco, Mário Corso. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FERREIRO, E. Tradução Horácio Gonzales (et. al). **Reflexões sobre a alfabetização**. São Paulo: Cortez: Autores associados, 1990.

COUTINHO, M. de L. **Psicogênese da língua escrita: o que é? Como intervir em cada uma das hipóteses? Uma conversa entre professores**. In: MORAIS, A. G.; ALBUQUERQUE, E. B. C.; LEAL, T. F. (Orgs.). Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabetica. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. Cap.3, p. 47-69. Acessado em: 14 jun. 2015. Online. Disponível em: <http://www.serdigital.com.br/gerenciador/clientes/ceel/arquivos/20.pdf>